

Capítulo inicial atrasado e fora de lugar

Andorinha Sinhá, além de bela, era um pouco louca. Louquinha fica-lhe melhor. Apesar de ainda frequentar a escola dos pássaros — onde o Papagaio ditava a cátedra de religião — tão jovem que os respeitáveis pais não a deixavam sair à noite sozinha com os seus admiradores, mas já era metida a independente, orgulhando-se de manter boas relações com toda a gente do parque. Amiga das flores e das árvores, dos patos e das galinhas, dos cães e das pedras, dos pombos e do lago. Com todos ela conversava, um arzinho suficiente, sem se dar conta das paixões que ia espalhando ao seu passar.

Mesmo o Reverendo Papagaio, que fazia grande propaganda das próprias virtudes, considerado por todos um pouco eclesiástico devido ao tempo passado no seminário, mesmo ele a olhava, durante as aulas, com uns olhos entornados.

Apesar de todas essas relações e admirações, uma sombra anuviava a vida da Andorinha Sinhá, razão de ser deste atrasado capítulo inicial, pois a sombra era exatamente o Gato Malhado. Ou melhor: o fato dela nunca ter conseguido conversar com o Gato. Aquele sujeito caladão, orgulhoso e metido a besta, bulia-lhe com os nervos. Habituar-se a vir espiá-lo quando ele dormia ou esquentava sol sobre a grama. Escondida no ramo de uma árvore, mirava-o durante horas perdidas, cismando nas razões por que o feioso não mantinha relações com ninguém. Ouvia falar mal dele, mas fitava o seu nariz róseo, de grandes bigodes, e — ninguém sabe por quê — duvidava da veracidade das histórias. Assim são as andorinhas, o que se pode fazer?, não há forma de fazê-las compreender a verdade mais rudimentar, a mais provada e conhecida, se elas se metem a duvidar. São cabeçudas e se deixam guiar pelo coração.

O Gato Malhado era a sombra na vida clara e tranquila da Andorinha Sinhá. Por vezes estava cantando uma das lindas canções que aprendera com o Rouxinol, e, de súbito, parava porque via (às vezes adivinhava) o grande corpo do Gato que passava em caminho do seu canto predileto. Ia então pelos ares, seguindo-o devagar, e, em certa tarde, divertiu-se muito a atirar-lhe gravetos secos sobre o dorso. O Gato dormia, ela estava bem escondida entre as folhas da jaqueira, rindo a cada graveto que acertava nas costas do Gato, levando o preguiçoso a abrir um olho e mirar em torno. Mas logo o cerrava, pensando tratar-se de alguma brincadeira idiota do Vento. De há muito, o Gato Malhado aprendera que não adianta correr atrás do Vento para dar-lhe com a pata. O melhor era deixá-lo cansar-se da brincadeira. Mas naquele dia, como a coisa continuasse, resolveu ir embora. A Andorinha Sinhá retirou-se também, contente com a peça que pregara ao temido Gato Malhado.

Foi nesse dia que ela teve a célebre conversa com a Vaca Mocha. Falo na Vaca Mocha logo no capítulo inicial da história, por se tratar de uma figura das mais importantes do parque. Tinha quase tanto prestígio quanto a Velha Coruja. Tratava-se de uma pessoa tranquila, mesmo um pouco solene, muito circunspecta, por todos os títulos respeitáveis, descendente de um touro argentino e se chamava Rachel Púcio. No entanto, possuía um temperamento vingativo, humor variável. Muito boa para com aqueles a quem amava — com o casal de patos, por exemplo, mantinha relações de muita amizade —, brusca e violenta com a gente de quem não gostava: a Mosca Varejeira, os cães e, mais que todos, o Gato Malhado.

Não gostava do Gato Malhado porque, sendo ela uma figura assim tão altamente respeitável, com sangue portenho, considerara-se terrivelmente ofendida pelo mísero felino em certa distante ocasião. Acontece que, apesar de sua circunspeção, a Vaca Mocha era dada à ironia. Foi assim que, certa vez, tendo encontrado o Gato Malhado no curral, onde fora com certeza na esperança de roubar um pouco de leite, disse-lhe, num misto de desprezo e pilhéria, e em mescla de espanhol e português:

– *Un tipo tan chiquito y ya de bigotes!*

O gato, em evidente imperdoável desrespeito, teve a ousadia de responder-lhe:

– Uma sujeita tão grandona e sem porta-seios!

A Vaca Mocha armou-lhe um coice bem armado, mas o gato ia longe, rindo para dentro seu riso malvado. Todo o parque considerou que a Vaca Mocha fora terrivelmente insultada, e, à noite, vieram muitas famílias visitá-la para apresentar-lhe sua solidariedade, pois ela estava inconsolável e chorava sem cessar. À frente de todos veio o Reverendo Papagaio, que nessa noite se embriagou e divertiu toda a assistência com as anedotas que aprendera na cozinha do seminário. Até a Vaca Mocha parou de chorar para rir e depois voltou a chorar outra vez, mas agora de tanto e tanto rir.

Quando a Andorinha lhe disse em que espécie de diversão empregara sua tarde, a Vaca Mocha lastimou que, em vez de gravetos, a Andorinha não houvesse jogado calhaus enormes bem no crânio do gato, liquidando-o de uma vez. Mas quando Sinhá se horrorizou com tal possibilidade sangrenta e lhe confessou que jogara os gravetos como um pretexto para puxar conversa com o gato, aí foi a vez da Vaca demonstrar seu assombro:

– *Hablar com el Gato? Piensas, loquita, en hacerlo realmente? Por Diós, no seas tonta!*

Falar espanhol dava-lhe status e cansaço, que cansaço! Continuou em português.

– Então tu não sabes que ele é um gato, um gato mau, e que jamais uma andorinha pode — sem com isso comprometer a honra da família — manter relações, sequer de simples cumprimentos, com um gato? Que os gatos são inimigos irreconciliáveis das andorinhas, que muitas e muitas parentas tuas pereceram entre as garras de gatos como aquele? Malhados ou não?

Prosseguiu com o sermão. Como pensava ela, louca andorinha, em rasgar uma velha lei estabelecida, em passar por cima de regras consagradas pelo tempo, em fazer tal insulto aos seus amigos, dar tamanho desgosto aos seus pais?

– Mas ele não me fez nada...

– É um gato, e ainda por cima, malhado!

– Só por ser um gato, ainda por cima malhado? Mas ele tem um coração como todos nós...

– Coração? — indignou-se a Vaca Mocha, de fácil indignação como estamos aos poucos constatando.

— Quem lhe disse que ele tem coração? Quem?

– Bem, eu pensei...

– Você viu o coração dele? Diga!

– Ver não vi...

– Então?

Ainda falou longamente. Contou a história do que o Gato lhe fizera e mais uma vez derramou algumas lágrimas ao recordar o insulto. Novos conselhos, advertências; dar conselhos era uma das especialidades da Vaca Mocha. Regras de bom viver, cheias de salutar moralidade e de algum ranço. Explicou como deve comportar-se uma jovem andorinha donzela, o que pode fazer e o que lhe estava vedado. Principalmente não deve falar com gatos, muito menos com o Gato Malhado...

A Andorinha ouviu, atenta como a boa educação ordena, e ficou triste. Não devia conversar com o Gato, fizera muito mal em pensar em tal coisa. A Vaca devia ter razão, possuía experiência e uma voz empostada e nobre. Só que a Andorinha, cabeça dura, não compreende por que cometerá um pecado se conversar com o Gato. Em todo caso, jurou à Vaca jamais jogar gravetos sobre o dorso amarelo e preto do Gato Malhado e nem sequer pensar em conversar com ele.

Mas juramento de andorinha não vale muito, não se lhe deve dar crédito exagerado. Muito menos a juramento de andorinha jovem, de cabeça ardente e espírito um pouco aventureiro. De mim, desconfio que, ao

jurar, ela já sabia ser incapaz de cumprir a jura. Continuou a ir espiar o Gato. Não mais lhe jogou gravetos, mas, ai!, não devido ao juramento e, sim, com medo de que ele fosse embora pensando tratar-se de pilhéria do Vento. Ia espia-lo todos os dias até que naquele dia da chegada da primavera...

E aqui termina o capítulo inicial e voltamos à história, lá adiante, onde a deixamos por erros de estrutura ou por moderna sabedoria literária.

Fim da estação da primavera

Os pais de Sinhá iam ralhando com ela. Mas estavam tão comovidos com o próprio heroísmo — tiveram coragem de afrontar o Gato Malhado para salvar a filha — que não ralharam demasiado. A Andorinha Pai dizia à Andorinha Mãe:

– Nós amamos nossa filha, nós a salvamos.

A Andorinha Mãe respondia:

– Nós somos bons pais, protegemos nossa filha.

E se olhavam, admirando-se mutuamente. Proibiram terminantemente a Andorinha de novamente aproximar-se do inimigo feroz. Se os juramentos da Andorinha jovem não têm nenhum valor, bruscas proibições só fazem aguçar-lhe o interesse e a curiosidade. Não que Sinhá fosse uma dessas andorinhas às quais basta que se diga “não faça isso” para que imediatamente o façam. Ao contrário, terna e obediente, amava os pais. Era bem-comportada, amável e bondosa. Mas gostava que a convencessem das coisas com boas e justas razões, e ainda ninguém lhe havia provado ser um pecado ou um crime manter relações cordiais com o Gato Malhado. Assim, quando deitou a gentil cabecinha sobre a pétala de rosa que lhe servia de travesseiro, havia decidido continuar a conversa no outro dia:

– Ele é feio, mas é simpático... — murmurou ao adormecer.

Quanto ao Gato Malhado, também ele pensou na arisca Andorinha Sinhá, naquela primeira noite da primavera, ao repousar a cabeça no travesseiro. Aliás, eis uma coisa que ele não possuía: travesseiro. Além de mau e feio, o Gato Malhado era um pobre de Job; repousava a cabeça em cima dos braços. Sendo de pouco luxo, não reclamava. Falta sentia de outras coisas: de afeição, de carinho e de salsichas vienenses.

Recolheu-se tarde. Antes, andara pelo parque, ao léu. Arranhara a casca de troncos de árvores, miara sem motivo evidente, sentira desejo de voltar a vagabundear nos telhados como praticara na distante adolescência. O cheiro bom da terra penetrara-lhe pelas narinas e seus grandes bigodes moveram-se inquietos. Sentira-se muito moço, até teve vontade de correr com os cães. E o teria feito, com certeza, se os cachorros não se houvessem afastado, cheios de receio, quando ele os procurou. Tal fora o seu estado de lassidão e de indefinido desejo que murmurou para si mesmo:

– Creio que estou doente.

Colocou a pata sobre a testa e concluiu:

– Estou ardendo em febre...

Quando, ao cair da noite, voltava para sua cama — um velho trapo de veludo —, olhou uma flor e nela viu refletidos os rasgados olhos da Andorinha. Febril, foi ao lago beber água e na água também enxergou a Andorinha, que sorria. E a reconheceu em cada folha, em cada gota de orvalho, em cada réstia de sol crepuscular, em cada sombra da noite que chegava. Depois a descobriu vestida de prata na lua cheia para a qual miou um miado dolorido. Ia alta a noite quando conseguiu dormir. Sonhou com a Andorinha, era a primeira vez que ele sonhava havia muitos anos.

Devo concluir que o Gato Malhado, de feios olhos pardos, de escura fama de maldade, havia se apaixonado? Agora que ele e a Andorinha dormem, que só a Velha Coruja está acordada, permito-me filosofar um pouco. É um direito universalmente reconhecido aos contadores de histórias e devo usá-lo pelo menos para não fugir à regra geral. Desejo dizer que há gente que não acredita em amor à primeira vista. Outros, ao contrário, além de acreditar afirmam que este é o único amor verdadeiro. Uns e outros têm razão. É que o amor está no coração das criaturas, adormecido, e um dia qualquer ele desperta, com a chegada da primavera ou mesmo no rigor do inverno. Na primavera é mais fácil, mas isso já é outro tema, não cabe aqui.

De repente, o amor desperta de seu sono à inesperada visão de um outro ser. Mesmo se já o conhecemos, é como se o víssemos pela primeira vez e por isso se diz que foi amor à primeira vista. Assim o amor do Gato Malhado pela Andorinha Sinhá. Quanto ao que se passava no pequeno porém valoroso coração de Sinhá, não esperem que eu explique ou desvende. Não sou tão tolo a ponto de achar-me capaz de entender o coração de uma mulher, quanto mais de uma andorinha.

Nenhuma dessas considerações perturbou naquela noite o Gato Malhado. Em verdade ele não se julgava ainda apaixonado. Tal ideia nem lhe ocorreu. Quando era jovem, apaixonava-se todas as semanas, em geral às terças-feiras, e desapaixonava-se às sextas, pois era um gato preguiçoso, e tirava o sábado, o domingo e a segunda para descansar. Despedaçara inúmeros corações de gatas de todas as cores, de uma coelha cinzenta e de uma raposa adolescente. Mas isso fazia tanto tempo que ele nem mais se recordava dos nomes e das situações. Vivia no seu canto, eu já expliquei, tranquilo, preguiçando ao sol, gozando a doce carícia da brisa, o frescor das noites de verão, o frio gostoso do inverno. Agora vinha a primavera perturbar a sua paz.

No dia seguinte, ao acordar e lavar a cara, pensou na Andorinha recordando o sonho a acompanhá-lo pela noite: ele e Sinhá discutindo de boniteza e feiura. Riu-se: “Ontem eu estava doente” e resolveu não pensar mais na Andorinha. Dirigiu-se ao seu canto predileto para calentar sol sobre o velho trapo de veludo. A vida se desenvolvia pelo parque.

Bem, ali está o Gato Malhado. Deitado, como sempre, ao comprido para que o sol gostoso da primavera o envolva por inteiro. Mas, o que é estranho, não consegue fechar os olhos como o faz habitualmente. A experiência lhe ensinara que, de olhos fechados, goza-se muito mais o calor do sol e a frescura da brisa. No entanto, naquele segundo dia de primavera, tinha os olhos abertos, e, ademais, voltados para a árvore onde, na véspera, estivera a Andorinha Sinhá.

Quando percebe o que está sucedendo, fica furioso. Desvia o olhar e, assobiando devagarinho, busca outras paisagens. Olha os cachorros que correm, os idiotas não sabem fazer outra coisa, as árvores cheias de folhas, olha até o Papagaio ocupado a rezar suas orações matinais. O Papagaio mantinha uma das mãos sobre o peito e os olhos entornados para o céu. O Gato, ao ver o seu ar untuoso, quase clerical, não se contém e mostra-lhe a língua. O Papagaio, alarmado com o gesto inesperado e ameaçador, interrompe as suas orações e cumprimenta:

– Bom-dia, meu caríssimo doutor Gato Malhado. Como vai a saudinha? Graças a Deus, bem?

O Gato nem se digna de responder. Além de tudo, seu olhar já está de novo fixo na árvore onde a Andorinha pousara na véspera. Enquanto ele espia na esperança de vê-la, explico o porquê do gesto feio do Gato. Não significa, como se pode pensar, desrespeito à religião. É que o Gato Malhado não gosta de gente hipócrita. E o Papagaio era a hipocrisia em pessoa.

A Coruja — que conhecia a dedo a vida de todos os habitantes do parque — tinha contado ao Gato que o mestre Papagaio, sob toda aquela capa de religiosidade, não passava de um devasso. Fizera propostas indecorosas à pequena Pata Branca, à Galinha Carijó, a uma Rolinha à qual ensinara o catecismo, e que, à própria Coruja, sem respeitar-lhe a idade, murmurara duvidoso convite. E o caso do Pombogaio? Ah! esse caso do

Pombogaio merece ser contado. Um dia a Pomba-Correio teve um filho estranho: um pombo que falava a língua dos homens. Além de tolo, o Pombo-Correio vivia em longas viagens, levando toda a correspondência do parque. Oficialmente o filho era dele, mas a Coruja dizia que ali havia coisa. Quem, além do Papagaio, conhecia e falava no parque a língua dos homens? Os cachorros a entendiam, mas não a praticavam. Ademais, o Papagaio não saía da casa da Pomba-Correio, na ausência do marido, sob o pretexto de levar-lhe “alimento espiritual”. Por sorte, o Pombo-Correio era criatura de boa índole.

O Gato Malhado não tinha má vontade com os devassos. Nunca tomava parte nas murmurações do parque sobre as aventuras do Galo, inveterado e invejado polígamo, maometano que, a cada dia, acrescentava nova franga ao seu sortido harém. Tanto os pombos, monógamos por convicção, quanto o Pato Preto, monógamo por força das circunstâncias, já que no parque só existia uma pata, uns e outros se mostravam muito escandalizados com a vida devassa do Galo. Também a Vaca Mocha: balançava a cabeça numa condenação muda. Só o Gato não dava nenhuma importância ao fato. Não era contra os devassos. Mas, sim, contra os hipócritas, os mascarados como o Papagaio. Por isso lhe mostrou a língua, gesto insultuoso e condenável.

Contei tudo isso na esperança de que nesse meio tempo a Andorinha Sinhá viesse pousar na árvore em frente ao Gato. Mas ela não veio, a ingrata!, e vamos reencontrar o nosso amigo Malhado já sem nenhuma alegria, num estado de espírito muito diferente daquele em que o deixamos. Perdera o ar brincalhão com que acordara, a leveza que sentia desde a véspera, os grandes bigodes estavam caídos, desmoralizados, murchos. Isso era um triste e perigoso sinal em se tratando do Gato Malhado. Seus bigodes eram o índice do seu humor. Fita mais uma vez a árvore, tantas vezes já o fizera antes... Não vê a Andorinha, a sombra da árvore cobre-lhe o corpanzil. Os olhos pardos escurecem. Por que sente o coração dorido? No entanto, é primavera em torno.

Acontece-lhe então levantar-se. Por que o faz nem ele mesmo seria capaz de explicar. Talvez para ficar ao sol. Levanta-se e sai andando. E, de repente, nota que seus pés — será que ele já não os governa? — o haviam levado, sem ele sentir, para junto da distante árvore onde mora a família da Andorinha Sinhá. Devo esclarecer que esta árvore ficava do outro lado do parque.

Os pais de Sinhá haviam saído em busca de alimento. A Andorinha tinha visto o Gato vir vindo e o esperava sorridente. Gato Malhado para em baixo da árvore, espia, descobre a Andorinha. Foi então que percebeu onde havia chegado, sem se dar conta. Dana-se. Que faço eu aqui? Resolve voltar rapidamente (diabo! seus pés, de tão pesados, pareciam ter chumbo grudado), mas a Andorinha falou com sua doce voz:

– Não me diz bom-dia, seu mal-educado?

– Bom-dia, Sinhá... — havia até certo acento harmonioso na voz cava do Gato.

– Senhorita Sinhá, faça o favor.

E, como ele fizesse uma cara triste (era ainda mais feio quando ficava triste), ela concedeu:

– Vá lá... Pode me chamar de Sinhá se isso lhe dá prazer... E eu lhe chamarei de Feio.

– Já lhe disse que não sou feio.

– Puxa! Que convencido! É a pessoa mais feia que eu conheço. Junto de você, minha madrinha Coruja é prêmio de beleza...

Afinal, que fazia ele ali?, pensava o Gato Malhado. Aquela jovem Andorinha, apenas uma adolescente, não o trata com o devido respeito (será mesmo que ele desejava que ela o tratasse com respeito?), insulta-o, agride-o, chama-o de feio. Era o resultado de ter ele dado confiança a uma jovem andorinha qualquer. Que era ela senão uma estudante, aluna de religião do Papagaio, que podia ter na cabeça, que espécie de conversa podia manter com ele, um gato sério, viajado, que se considerava um ser superior, mais culto do que toda a gente do parque e que se achava — principalmente — um gato bonito? Resolveu retirar-se e nunca mais voltar a falar àquela desrespeitosa andorinha (ah! seus pés como chumbo, como se tivessem toneladas de chumbo...). Faz um esforço:

– Até logo... — Está aí, se ofendeu... Ainda é mais convencido do que feio...

Por que diabo ele começa a achar graça? Agora não eram apenas os pés que já não lhe obedeciam, também a boca se abria em riso quando ele queria ficar sério, com um ar zangado. Uma vasta conspiração contra o Gato Malhado. A Andorinha continuava, num palrar incessante, linda adolescente dos campos, cuja juventude domina tudo em derredor:

– Não precisa ir embora. Não lhe chamo mais de feio. Agora só lhe trato de formoso.

– Não quero também...

– Então como vou lhe chamar?

– Gato.

– Gato não posso.

– Por quê?

Será que ela entristecera? Agora sua voz já não é brincalhona. O Gato Malhado repete a pergunta:

– Por que não pode?

– Não posso conversar com nenhum gato. Os gatos são inimigos das andorinhas.

– Quem lhe disse?

– É verdade. Eu sei.

O Gato fez a cara mais triste do mundo. A Andorinha Sinhá, que amava a alegria e não podia ver ninguém triste, continuou:

– Mas nós não somos inimigos, não é?

– Nunca.

– Então nós podemos conversar.

Mas logo acrescentou:

– Vá embora que Papai vem aí. Depois eu vou na ameixeira conversar com você, Feiã... O Gato ri e trata de sumir entre as moitas de capim que crescem por ali. Estava novamente alegre. Enquanto atravessa agilmente por entre o mato, vai recordando o diálogo com a Andorinha, a voz melodiosa volta a ressoar em seus ouvidos. Ela não podia conversar com um gato. Os gatos são maus, alguns foram apanhados em flagrante almoçando andorinhas, havia alguma verdade nisso. Como era possível ser assim tão mau? Como almoçar um ser tão frágil e formoso como a Andorinha Sinhá?

Deita-se sob a ameixeira que está em flor. Logo depois a Andorinha chega, fazendo círculos no ar, num voo que é improvisado e lindo bailado primaveril. De longe, o Rouxinol, que a acompanha com os olhos, começa a cantar e sua melodia de amor enche o parque.

O Gato bate palmas quando ela pousa num galho baixo. Continuam a conversa interrompida.

Não vou mais reproduzir os diálogos. E tomo tal resolução porque eram todos um pouco parecidos e somente aos poucos, com o correr do tempo, se fizeram dignos de uma história de amor. Quem sabe, talvez mais adiante eu reproduza um, se houver ocasião. Por ora, apenas quero dizer que eles conversaram durante toda a primavera, sem que jamais faltasse assunto. Foram se conhecendo um ao outro, cada dia uma nova descoberta. E não apenas conversaram. Juntos, ele correndo pelo chão de verde grama, ela voando pelo azul do céu, vagabundearam por todo o parque, encontraram recantos deliciosos, descobriram novas nuances de cor nas flores, variações na doçura da brisa, e uma alegria que talvez estivesse mais dentro deles que mesmo nas coisas em derredor. Ou bem a alegria estava presente em todas as coisas e eles não a viam antes. Porque — eu vos digo — temos olhos de ver e olhos de não ver, depende do estado do coração de cada um.

Quero acrescentar, finalmente, que já não se tratavam de você.

Quando, pela manhã, se viam pela primeira vez naquele dia, ele lhe perguntava:

– Que fizeste de ontem para hoje? Hoje estás ainda mais linda do que ontem e mesmo mais linda do que estavas essas noites no sonho em que te vi...

– Conta-me o teu sonho. Eu não te conto o meu porque sonhei com uma pessoa muito feia: sonhei contigo...

Riam os dois: ele, o seu riso cavo de gato mau; ela, o seu argentino riso de andorinha adolescente. Assim aconteceu na primavera.

A estação do verão

Este é um capítulo curto porque o verão passou muito depressa com o seu sol ardente e suas noites plenas de estrelas. É sempre rápido o tempo da felicidade. O Tempo é um ser difícil. Quando queremos que ele se prolongue, seja demorado e lento, ele foge às pressas, nem se sente o correr das horas.

Quando queremos que ele voe mais depressa que o pensamento, porque sofremos, porque vivemos um tempo mau, ele escoia moroso, longo é o desfilar das horas.

Curto foi o tempo do verão para o Gato e a Andorinha. Encheram-no com passeios vagabundos, com longas conversas à sombra das árvores, com sorrisos, com palavras murmuradas, com olhares tímidos, porém expressivos, com alguns arrufos também...

Não sei se arrufos será a palavra precisa. Explicarei: por vezes a Andorinha encontrava o Gato abatido, de bigodes murchos e olhos ainda mais pardos. A causa não variava: a Andorinha saíra com o Rouxinol, com ele conversara ou tivera aula de canto — o Rouxinol era o professor. A Andorinha não compreendia a atitude do Gato Malhado, aquelas súbitas tristezas que se prolongavam em silêncios difíceis. Entre ela e o Gato jamais havia sido trocada qualquer palavra de amor, e, por outro lado, a Andorinha, segundo disse, considerava o Rouxinol um irmão.

Um dia — dia em que a aula de canto se prolongara além do tempo costumeiro —, quando os bigodes do Gato estavam tão murchos que tocavam o solo, ela lhe pediu explicação daquela tristeza. O Gato Malhado respondeu:

– Se eu não fosse um gato, te pediria para casares comigo...

A Andorinha ficou calada, num silêncio de noite profunda. Surpresa? — não creio, ela já adivinhara o que se passava no coração do Gato. Zanga? — não creio tampouco, aquelas palavras foram gratas ao seu coração. Mas tinha medo. Ele era um gato, e os gatos são inimigos irreconciliáveis das andorinhas.

Voou rente sobre o Gato Malhado, tocou-o de leve com a asa esquerda, ele podia ouvir as batidas do pequeno coração da Andorinha Sinhá. Ela ganhou altura, de longe ainda o olhou, era o último dia de verão.

Parêntesis das murmurações

(Murmurava a Vaca Mocha no ouvido do Papagaio: “Onde já se viu uma coisa igual? Uma andorinha, da raça volátil das andorinhas, namorando com um gato, da raça dos felinos? Onde já se viu, onde já se viu?” E o Papagaio murmurava no ouvido da Vaca Mocha: “Onde já se viu, Padre Nosso Que Estais no Céu, uma andorinha andar pelos cantos escondida com um gato? Ave Maria Cheia de Graça, andam dizendo, andam dizendo, eu não acredito, eu não acredito, Creio em Deus Padre, mas pode ser, mas pode ser, Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, que ele anda querendo casar com ela. Deus me Livre e Guarde, ora se tá querendo, ora se, Amém.” E o Pombo dizia à Pomba, numa murmuração: “Onde já se viu uma andorinha, linda andorinha, louca andorinha, às voltas com um gato? Tem uma lei, uma velha lei, pombo com pomba, pato com pata, pássaro com pássaro, cão com cadela e gato com gata. Onde já se viu uma andorinha noivando com um gato?” E a Pomba murmurava ao Pombo, num cochicho: “É o fim do mundo, os tempos são outros, perdeu-se o respeito a todas as leis.” Murmurava o

Cachorro no ouvido da Cadela: “Pobre Andorinha, passeia com o Gato, mal sabe ela que ele deseja apenas um dia almoçá-la.” A Cadela respondia, balançando a cabeça: “O Gato é ruim, só quer almoçar a pobre Andorinha.” E o Pato dizia à Pata Pepita: “Reprovo o desairoso proceder dessa tonta Andorinha. É perigoso, imoral e feio. Conversa com o Gato como se ele não fosse um gato. Logo com o Gato Malhado, criminoso nato, lombrosiano.” E a Pata Pepita assim respondia ao Pato Pernóstico: “Pata com pato, pomba com pombo, cadela com cão, galinha com galo, andorinha com ave, gata com gato.” E as árvores murmuravam, ao passar do Vento: “Onde já se viu? Onde já se viu? Onde já se viu?” E as flores coravam e sussurravam ao ouvido da Terra: “Andorinha não pode, não pode casar, com gato casar!” E em coro cantavam: “É pecado mortal!” O pai da Andorinha ouviu os rumores, a mãe da Andorinha os rumores ouviu. O pai da Andorinha disse zangado à mãe da Andorinha: “Nossa filha vai mal, nossa filha anda às voltas com o Gato Malhado.” A mãe respondeu: “Nossa filha é uma tola, precisa casar.” O pai perguntou: “Casar, mas com quem?” A mãe respondeu: “Com o Rouxinol que já me falou.” E o parque inteiro tal coisa aprovou: “Que bom casamento para a Andorinha. O Rouxinol é belo e gentil, sabe cantar, é da raça volátil, com ele bem pode a Andorinha casar. Casar só não pode com o Gato Malhado; andorinha com gato, quem no mundo já viu?” E o Papagaio dizia: “Três Vezes Amém.”)

A estação do outono

No outro dia o outono chegou, derrubando as folhas das árvores. O Vento sentia frio, e, para esquentar-se, corria zunindo pelo parque. O outono trazia consigo uma cauda de nuvens e com elas pintou o céu de cores cinzentas. Não era só a paisagem que se modificava com o correr das estações, como certamente percebeu o culto e talentoso leitor. Também a atitude dos habitantes do parque, em relação ao Gato Malhado, havia sofrido sensível mudança. Não que houvessem deixado de ter-lhe raiva, não que lhe houvessem perdoado os agravos antigos. Mas já não sentiam medo dele, como o provavam as murmurações sobre o seu caso com a Andorinha, murmurações que de tímidos cochichos transformaram-se em obstinado rumor. Recordemos que antes, nas páginas iniciais desta história, tremiam todos, apenas o Gato Malhado abria um olho. Como explicar então que não mais o temessem, que comentassem quase abertamente seus passeios com a Andorinha?

É que o Gato, durante a primavera e o verão, vivera alegre e satisfeito.

Não ameaçara os demais viventes, não despedaçara flores com patadas, não encrespava os pelos do dorso à aproximação de estranhos e não repelira os cães eriçando os bigodes, insultando-os entre dentes. Tornara-se um ser brando e amável, era o primeiro a cumprimentar os outros habitantes do parque, ele que antigamente quase nunca respondia aos medrosos «bons-dias» que lhe dirigiam.

Aventurar-me-ei mesmo a afirmar que ele cultivou, naquela época, bons e generosos sentimentos. E baseio esta audaciosa afirmação no fato, entre outros de menor importância, de ter-se arriscado para expulsar do parque a Cobra Cascavel quando ela apareceu durante o verão. Todo mundo se havia escondido. Até mesmo o Cachorro Dinamarquês que vivia rugindo bravatas.

O Gato atacou a Cascavel, conseguiu furtar o corpo ao seu bote mortal, e deu-lhe tantas taponas na cabeça, que ela fugiu para muito longe; jamais voltou ao parque.

Só a Andorinha elogiou o feito do Gato. Todos os demais acharam que ele enfrentara a cobra apenas para mostrar-se, fazer bonito, bancando o valente.

A Vaca Mocha chegou mesmo a lastimar que a cobra tivesse errado o bote. O Papagaio classificou o acontecimento como «exibicionismo primário».

A verdade é que o Gato continuava com fama de sujeito mau e intratável.

Os habitantes do parque, todavia, haviam concluído, ante a atual amabilidade do Gato Malhado, que, se bem ele fosse muito mau, já não era muito perigoso. Devia estar ficando velho, sem forças, e por isso procurava reabilitar-se. Perderam-lhe o medo. O Papagaio, interesseiro, chegara a alimentar ilusões de amizade. Pensou tornar-se íntimo do Gato e utilizá-lo contra seus inimigos, o Pato, por exemplo, que falava horrores dele pelas costas. O Gato tolerou a aproximação do Papagaio (não estava aquele hipócrita de alguma forma ligado à Andorinha, já que lhe ensinava religião?), mas evitou qualquer familiaridade. Diante disso, o Papagaio, ofendido, espalhou no parque cruel teoria explicativa da atual gentileza do Gato: mudara de atitude por sofrer doença incurável; estando às portas da morte, buscava o perdão dos seus pecados.

Não se deve tomar essas coisas como prova de maldade geral. A fama ruim do Gato Malhado era antiga e arraigada. Como poderiam eles compreender que o Gato mudara desde que a Andorinha entrara em sua vida? Como entender que sob a casca grossa, sob o pelo eriçado do Gato pulsava um terno coração?

Tão terno, que aquele primeiro dia de outono foi encontrar o Malhado escrevendo um soneto. Coberto com um pesado manto de lã (o Gato era muito friorento), contava sílabas nos dedos e procurava rimas num grosso dicionário, de autoria do afamado Gramático Tamanduá: prêmio nacional de literatura e membro da Academia de Letras. Sim, até um soneto ele escreveu. Possuo cópia dessa única produção literária do Gato Malhado, criatura séria que sempre vivera longe dessas frioleiras. Foi-me dada pelo Sapo Cururu — que nas horas vagas dedica-se à crítica literária — como exemplo de péssima poesia lírica, no que lhe cabe razão. Aliás, o ilustre Sapo descobriu monstruoso plágio na curta produção poética do Gato, e ninguém põe em dúvida afirmação do Sapo Cururu, autoridade incontestada.

Para que o próprio leitor possa julgar do valor do soneto e das acusações de plágio lançadas contra o Gato Malhado, eu vou transcrever a citada peça lírica. Não o posso fazer, contudo, no corpo da história, pois afinal isso aqui não é um caderno de poemas — muito menos de sonetos plagiados e péssimos — e, sim, uma história que o Vento contou à Manhã e que a Manhã contou ao Tempo, para ganhar uma rosa azul. Abro assim novo parêntesis, desta vez poético.

Apenas uma coisa eu peço: ao julgar o soneto do Gato, pense o leitor na boa intenção a tanger a lira do vate, deixando de lado sua falta de vocação e habilidade literárias. Não apenas com um manto contra o frio cobria-se o Gato Malhado naquela manhã de lírica inspiração; cobria-se também com o manto do amor. A poesia não está somente nos versos, por vezes ela está no coração, e é tamanha, a ponto de não caber nas palavras.

Parêntesis poético:

SONETO DO AMOR IMPOSSÍVEL

Para a minha adorada Andorinha Sinhá

(A Andorinha Sinhá
A Andorinha Sinhô
A Andorinha bateu asas
e voou.

Vida triste minha vida,
não sei cantar nem voar,
não tenho asas nem penas,
não sei soneto escrever.

Muito amo a Andorinha,
com ela quero casar.
Mas a andorinha não quer.

Comigo casar não pode
porque sou gato malhado, ai!)
Gato Malhado